

Ian Stevenson, M.D.<sup>1</sup>

The Journal of Nervous and Mental Disease (1983), Vol. 171, No. 12, pp. 742-748

## Crianças americanas que reivindicam lembrar de vidas passadas

Tradução: André Luís N. Soares & Bianca P. Vasques

Um desconhecido número de crianças americanas alegam lembrar de vidas passadas. Neste artigo, dados de 79 dessas crianças são analisados e comparados com os dados de um número maior de casos na Índia.

Poucas crianças americanas destes casos fazem declarações verificáveis, e aquelas que fazem quase sempre falam sobre as vidas de membros falecidos de suas próprias famílias. Nesta característica, casos americanos diferem dos indianos, onde as crianças normalmente falam das vidas de pessoas falecidas em outra família e freqüentemente em outra comunidade. As crianças indianas também com freqüência fazem declarações verificáveis sobre as vidas de tais pessoas.

Em alguns outros pontos, porém, como a idade da primeira declaração sobre as vidas prévias, o conteúdo das declarações que fazem e comportamentos incomuns relacionados, sujeitos americanos assemelham-se bastante aos da Índia.

Embora muitos dos casos americanos possam derivar de fantasias, um motivo de desejo realizável ou evidente proveito para a criança não é discernível na maior parte deles. Nem fazem os casos se assemelharem em suas fantasias sob a forma de amigos imaginários.

Alguns casos americanos deste tipo acontecem em famílias que já acreditam em reencarnação, mas muitos outros não. Nestas famílias as declarações da criança sobre uma vida prévia são freqüentemente enigmáticas e até alarmantes para seus pais. A criança é às vezes envolvida em conflito sobre memórias aparentes com membros de sua família. Por sua vez, os membros de família imediatamente envolvidos quase sempre temem que outros familiares ou outras pessoas na comunidade considerem a criança anormal.

Muitos casos americanos são inicialmente reportados anos depois da primeira fala da criança sobre uma vida prévia; e parece provável que muitos outros casos nunca sejam reportados. Um propósito deste artigo é alertar psiquiatras e pediatras para a ocorrência de tais casos e encorajar o relatório deles para estudos adicionais.

As crianças que dizem lembrar de vidas prévias podem ser encontradas bem facilmente em muitos países da Ásia, especialmente a Índia, Sri Lanka, Birmânia, e a Tailândia<sup>2</sup>. Em um caso típico, a criança<sup>3</sup> ao iniciar, logo fala coerentemente, dizendo lembrar de uma vida em outra família. (A idade média para este evento é de 37 meses.) Ela declara vários detalhes, freqüentemente dando nomes próprios de pessoas e lugares que figuram na vida aparentemente lembrada. Na maioria dos casos, ela descreve o modo da morte naquela vida. A criança normalmente continua a fazer declarações sobre a vida prévia até que atinja mais ou menos 6 ou 7 anos de idade e então gradualmente para de se referir a ela. A

maioria das crianças deste tipo esquece completamente estas memórias aparentes quando completa entre 8 a 10 anos de idade.

Se a criança faz declarações suficientes, e se elas forem precisas, membros de sua família normalmente tentam encontrar uma família que teve uma pessoa falecida correspondendo as declarações da criança. Em muitos casos esta procura é bem sucedida e as duas famílias encontram-se e verificam as declarações da criança, a maior parte das que são encontradas estão corretas<sup>4</sup>.

A criança também quase sempre mostra algum comportamento que é incomum em sua família, mas isto é baseado pelo comportamento exibido corresponder apropriadamente ao da pessoa falecida cuja a criança declara ser. Um exemplo comum de tal comportamento inabitual é uma fobia pelo instrumento da morte daquela pessoa. Outro é travestir-se, as crianças que reivindicam terem vivido como uma pessoa do sexo oposto (12)<sup>5</sup>.

Em casos deste tipo, a criança freqüentemente faz declarações corretas sobre uma pessoa falecida vivendo em uma área distante da casa dela. Além disso, em alguns casos, os pais relatam que nunca ouviram falar da pessoa da qual a criança tem falado. Estes casos levantam a questão de como tais crianças obtiveram conhecimento relativo a uma pessoa com quem elas (e suas famílias) não tinham absolutamente nenhum conhecimento anterior.

Aproximadamente 2000 casos do tipo reencarnação de muitas culturas diferentes foram estudados em um projeto de pesquisa contínua. Até hoje dados de 10 culturas diferentes foram analisados.

Os casos variam muito na abundância e especificação de detalhes incluídos nas declarações da criança. Algumas crianças declaram 50 ou mais detalhes, incluindo numerosos nomes próprios, e muitos destes foram comprovados. Outras crianças declaram poucos detalhes, e estes podem ser fragmentários, vagos, e inverificáveis. Tais declarações imprecisas podem se aplicar a muitas pessoas e são insuficientes para permitir localizar qualquer pessoa falecida cujo vida é a única que pudesse corresponder a elas. Em outras considerações, porém, os casos com poucos detalhes se assemelham àqueles em que a criança fez bastantes declarações específicas. Ambos os tipos podem ser exemplos do mesmo fenômeno, embora estando em extremidades opostas em razão do alcance da quantidade de detalhes incluídos nas memórias aparentes.

Os artigos e livros anteriores incluíram relatórios detalhados de 65 casos deste tipo, quase todos da Ásia (6-9, 13). Além disso, dados de quase 800 outros casos têm sido parcialmente analisados e examinados pelas características recorrentes dos casos (3).

Os casos de todas estas culturas até agora examinados têm várias características em comum. Porém, outras características dos casos variam de uma cultura para outra e parecem estar especificamente ligados culturalmente. As diferenças freqüentemente podem ser relatadas no que tange a outras características das culturas onde os casos desenvolveram-se. Por exemplo, em algumas culturas, certas características dos casos parecem refletir os papéis diferentes de homens e mulheres nelas. Algumas características dos casos parecem variar de acordo com as convicções sobre reencarnação por grupos diferentes de pessoas.

As últimas observações mencionadas guiaram-me a estudar a variedade de crenças na reencarnação paralela às minhas investigações de casos sugestivos disto. A maioria dos ocidentais educados têm alguma familiaridade com as concepções hindus e budistas sobre reencarnação. Eles estão aptos a saber que em ambos os sistemas de crenças humanas dizem que o renascimento ocorre em animais, mas eles não podem saber que hindus

acreditam em uma alma permanente (*atman*) que reencarna em corpos sucessivos, apesar de que os budistas não. De acordo com a doutrina budista do *não-alma* (*anatta*), a morte de uma pessoa (ou animal) inicia o nascimento de uma nova entidade que sofre alguma influência dela; mas nenhuma alma permanente passa de um corpo para o outro em uma série de renascimentos.

A maioria dos leitores ocidentais estão até menos familiares com a existência de Culturas importantes que têm convicções na reencarnação notadamente diferentes daquelas de hindus e budistas<sup>6</sup>. Por exemplo, grandes grupos islâmicos na Ásia ocidental (como o Alevi e os Drusos) acreditam em reencarnação, mas não acreditam que podem mudar de sexo de uma vida para outra, como hindus e budistas crêem. O Tlingit do Alasca, que tem uma sociedade matrilinear, acha importante renascer na família de sua mãe. Por outro lado, o Igbo da Nigéria, que tem uma sociedade patrilinear, acha que é importante renascer na família de seu pai.

Os casos das várias culturas refletem, até certo ponto, as variações nas convicções sobre reencarnação. Não podemos ainda explicar estas correlações. Duas interpretações são óbvias: primeira, as crenças podem influenciar o desenvolvimento dos casos; e segundo, se reencarnação acontece, as crenças podem influenciar o que realmente acontece de uma vida para outra. Mas pode haver outras explicações também.

Este é o primeiro relatório de casos do tipo reencarnação nos Estados Unidos. Eu não posso aqui oferecer uma consideração sistemática da crença na reencarnação dentre os americanos. Nesta conexão, o fato mais importante é que a maioria de americanos não acreditam em reencarnação. Uma pesquisa recente mostrou que apenas 23 por cento dos americanos acredita nisso (4).

Os dados dos 79 casos americanos foram analisados. Este artigo resumirá as características principais destes casos americanos e comparará elas com aquelas dos 266 casos do mesmo tipo na Índia. Os casos da Índia oferecem a melhor comparação disponível para casos americanos, pois tenho um número maior de casos adequadamente investigados na Índia que em qualquer outro país.

### **Fontes de Informações sobre Casos Americanos**

Dos 79 sujeitos, 43 eram homens e 36 mulheres. O primeiro informante dos casos normalmente era o pai da criança, mas às vezes outro parente ou um amigo da família. Em aproximadamente metade dos casos, desconheço como o informante conhecia minha pesquisa. Porém, em 29 casos (37 por cento) o informante comunicou-me depois de ler um artigo sobre a pesquisa em uma revista ou jornal. (tais artigos às vezes deram meu endereço e convidaram leitores que sabem de casos a informar-me sobre novos casos) Os colegas familiarizados com a pesquisa dirigiram vários casos para mim. Por três vezes, li um relato sobre um caso publicado em uma revista e abordei as pessoas envolvidas.

### **Métodos da Investigação**

As primeiras informações obtidas sobre a maioria dos casos vieram por uma carta em que o informante resumiu como o caso se desenvolveu até tal ponto. Ocasionalmente as primeiras informações vieram por telefone. A investigação normalmente continuava por uma troca de correspondências. Em alguns casos ou o principal informante para o caso parou a investigação ou eu decidi que o caso era muito insubstancial para garantir um estudo adicional. Em quase três quartos dos casos, entrevistei a criança e seus pais, normalmente em sua casa ou em um hotel perto. As entrevistas com alguns pais eram impraticáveis; as entrevistas com outros estão ainda pendentes.

As informações obtidas durante as entrevistas eram registradas quase literalmente em notas manuscritas ou com um gravador de fitas. Muitas destas informações eram depois transferidas para um computador codebook listando 61 variáveis; os dados podiam então ser inseridos e analisados para frequência e correlações das variáveis.

### **Backgrounds das Crianças Americanas**

Nos primeiros anos destas investigações enfatizei o registro dos relatórios dos informantes sobre as declarações das crianças e de seu comportamento incomum relacionado. Subseqüentemente, também dei atenção para dados demográficos. Apesar das deficiências nos dados das características demográficas, o que se segue pode ser dito com confiança.

Alguns casos americanos aconteceram dentre crianças cujos pais acreditavam em reencarnação. Por outro lado, muitos outros casos americanos ocorreram em famílias cujos membros não acreditavam em reencarnação e eram talvez até não familiarizados com a idéia, exceto (às vezes) como uma crença apoiada pelos índios asiáticos. Alguns dos informantes leram ou aprenderam algo sobre reencarnação depois da criança declarar a eles sobre uma vida prévia; foi difícil para mim averiguar o quanto, se qualquer coisa, eles sabiam antes. Para 23 casos (29 por cento) tive informações insuficientes para um julgamento neste ponto. Os restantes, 56 casos, caíram em quatro grupos. Em nove casos (16 por cento destes 56) o informante acreditava na reencarnação antes do caso tornar-se conhecido para ele ou de seu desenvolvimento. Em 21 casos (37 por cento) o informante ouviu falar de reencarnação e teve pelo menos algum interesse nela; em 11 casos (20 por cento) o informante tinha um interesse em parapsicologia e, amplamente, no oculto; mas não soube se isto se estendia ao interesse por reencarnação. Nos restantes, 15 casos (27 por cento), o informante tinha pouco ou nenhum conhecimento sobre reencarnação.

Vários tipos de evidência mostraram que para muitos dos informantes a idéia de reencarnação era estranha ou incompatível. Primeiro, os pais freqüentemente reconheceram que reencarnação não era ensinada (e em algumas exemplos eram especificamente censuradas) na religião em que foram educados. Segundo, eles freqüentemente admitiram que inicialmente zombaram, ralharam e ocasionalmente castigaram a criança por reivindicar lembrar de uma vida prévia. Terceiro, às vezes, anos decorreram entre a alegação da criança sobre uma vida prévia e a notificação dos informantes sobre o caso. (existem várias explicações possíveis para esta demora, mas uma foi a falha em não se considerar de modo sério as declarações da criança) Quarto, muitos informantes não gostavam que outros membros de sua família soubessem que eles estavam comunicando informações sobre o caso para mim. Quinto, alguns pais escreveram ou telefonaram em um estado de confusão e ocasionalmente alarmados em relação às declarações da criança, pois que eles obviamente não tiveram nenhum preparo em uma experiência anterior ou instrução religiosa.

Estas observações (e às vezes mais declarações explícitas dos pais) indicam que as declarações da criança freqüentemente confitam de modo sério com as crenças de seus pais e outros membros de suas famílias. Elas também sugerem que em razão de alguns casos permanecerem não relatados por um tempo, outros casos — cujo número não podemos supor — podem nunca se tornarem conhecidos pelos investigadores.

### **Características principais dos Casos Americanos**

Comparadas com sujeitos dos casos na Índia, crianças americanas que reivindicam lembrar de vidas prévias fazem menos declarações específicas, mencionando, por exemplo, menos nomes de pessoas que figuram na vida prévia. Conseqüentemente, embora dentre 266 casos indianos fosse possível descobrir em 204 casos (77 por cento) uma pessoa falecida

cuja vida correspondia corretamente as declarações da criança, isto podia apenas ser feito em 16 (20 por cento) ( $\chi^2 = 86.43$ ,  $Df = 1$ ,  $p < .001$ ) dos 79 casos americanos. Além disso, em todos, salvo um desses 16 casos, aquela pessoa era um membro da família da criança, como um irmão mais velho ou um avô que morreram antes do nascimento do sujeito. E mesmo no caso excepcional, a pessoa cuja vida a criança parecia recordar tinha sido um amigo íntimo de sua mãe. Dentre os casos indianos as duas pessoas envolvidas (sujeito e pessoa falecida) eram relacionadas em apenas 29 (16 por cento) de 183<sup>7</sup> casos dos quais tivemos estes dados. Em alguns outros casos, as duas famílias envolvidas tinham sido previamente apresentadas, mas em quase metade dos casos elas não tiveram nenhum contato anterior uma com a outra.

As crianças americanas começaram a falar sobre suas memórias aparentes em uma idade média de quase 37 meses, e suas contrapartes na Índia começaram a aproximadamente 38 meses. Porém, crianças americanas tendiam a parar de falar sobre a vida prévia em uma idade um pouco mais jovem (média de 64 meses) que crianças indianas (média 79 meses) ( $t = 2.26$ ,  $Df = 143$ ,  $p < .05$ ).

Uma análise do número de declarações diferentes feitas por sujeitos indianos e americanos não mostrou nenhuma diferença entre elas. Dentre 88 casos indianos onde estas informações estavam disponíveis, o número médio de declarações que o sujeito fez foi 18.2 e a mediana foi 14. Dentre 68 casos americanos, o número médio de declarações feitas pelo sujeito foi de 23.3 e a mediana 14. (estes dados dão alguma mensuração da variedade das declarações das crianças, mas não de sua volubilidade. Algumas crianças podem repetir algumas declarações muitas vezes, enquanto que outras podem mencionar uma declaração uma só vez dentre muitas declarações; e existem muitas variações entre estes extremos.)

Dentre 225 casos indianos, 169 (75 por cento) os sujeitos mencionaram o nome da pessoa cuja vida eles lembraram; Entre os 79 casos americanos, o sujeito declarou este nome em apenas 27 (34 por cento) dos casos ( $\chi^2 = 42.77$ ,  $Df = 1$ ,  $p < .001$ ). (como nomes próprios são quase essenciais para a identificação de uma pessoa que corresponda às declarações da criança, o fracasso em declarar os nomes pelas crianças americanas provavelmente contribuiu muito para a proporção alta de casos americanos não solucionados.)

Dentre 231 casos indianos, os sujeitos mencionaram o modo da morte na vida passada em 180 casos (78 por cento); os sujeitos americanos mencionaram como morreram em somente 34 (43 por cento) dos 79 casos ( $\chi^2 = 33.5$ ,  $Df = 1$ ,  $p < .001$ ). O modo da morte era violento<sup>8</sup> em 135 (56 por cento) de 240 casos indianos e em 35 (80 por cento) de 44 casos americanos ( $\chi^2 = 8.4$ ,  $Df = 1$ ,  $p < .01$ ).

Quando a maneira da morte era violenta, os sujeitos de ambos os casos, indianos e americanos, tendiam a ter fobias do instrumento [mortal] ou maneira de morrer. Dentre 76 casos indianos onde a morte violenta figurava e nos qual inquirimos sobre fobias, 30 (39 por cento) dos sujeitos tiveram uma fobia do instrumento ou maneira de morrer; dentre os 23 casos americanos com morte violenta, uma fobia semelhante aconteceu em 11 (48 por cento) ( $\chi^2 = .508$ ,  $Df = 1$ ,  $p < .48$ ). Fobias ocorreram com freqüência bem menor dentre casos em que o modo da morte foi natural. Dentre nove casos americanos deste tipo, fobia aconteceu apenas uma vez (11 por cento); e no meio de 105 casos indianos por morte natural uma fobia ocorreu em somente três (3 por cento). Algumas crianças tiveram uma fobia que ou não foi relacionada ao modo da morte ou não foi relacionada a vida prévia.

Em 60 dos casos americanos, o sujeito deu indicações claras do sexo da pessoa sobre quem ele estava se referindo. Em nove casos (15 por cento) a criança se referiu a uma vida como uma pessoa do sexo oposto. Entre estes nove casos, oito sujeitos referiram-se a vidas como homens e um sujeito masculino se referiu a uma vida como sendo uma mulher. Entre

os nove sujeitos que alegaram mudança de sexo, três (todas mulheres) mostraram-se transvestidas quando jovem. A proporção de casos de mudança de sexo foi mais baixa dentre os casos indianos. Em 262 casos indianos, nove (3 por cento) dos sujeitos reivindicaram lembrar de uma vida prévia como uma pessoa do sexo oposto: três eram homens que disseram que tinham sido mulheres e seis eram mulheres que disseram que tinham sido homens. Destes, cinco (quatro mulheres, um homem) transvestiram-se quando jovem.

As ocupações e status socioeconômicos das pessoas falecidas mencionadas pelas crianças americanas variavam muito. Algumas das crianças falaram sobre vidas prévias em circunstâncias mais ricas que aquelas de seus pais, mas outras falaram em viver em condições muito menos confortáveis, com pouca ou nenhuma conveniência moderna. Nenhuma criança alegou, nesta análise, lembrar a vida de uma pessoa famosa, e apenas algumas crianças falaram sobre vidas que poderiam ser consideradas heróicas, como aquelas de pilotos ou soldados em perigo quando em ação. A maior parte das vidas era (ou parecia ser) aquelas de pessoas ordinárias, indistintas. A esse respeito, as crianças americanas se assemelharam aos indianos; muitas das crianças indianas também falaram de uma vida prévia em circunstâncias socioeconômicas diferentes daquelas de suas famílias, e somente uma delas reivindicou ter sido uma pessoa notável.

A tabela 1 fornece uma visão sinóptica de todas as principais características dos casos americanos e indianos que comparei.

## **Discussão**

Várias das principais características dos casos americanos se aproximaram das dos indianos. Entre essas inclui-se: a idade inicial que a criança fala sobre a vida prévia; uma incidência alta de morte violenta na vida prévia (muito mais alta que a incidência de morte violenta nas populações gerais tanto da Índia quanto dos Estados Unidos); o número médio de declarações feitas; e comportamento incomum por parte da criança que correspondem as declarações sobre memórias aparentes. Embora os números de casos do tipo “alteração de sexo” sejam pequenos tanto nas séries dos americanos como dos indianos, uma razão inclina-se, nas duas séries, para casos de homens-para-mulheres comparados com mulheres-para-homens. Uma similar desproporção foi encontrada dentre casos do tipo “mudança de sexo” em três de quatro outros países onde tais casos aconteceram<sup>9</sup>. Uma discussão das razões para esta disposição de proporções está fora do âmbito deste artigo<sup>10</sup>; mas ela merece atenção como outra característica em que casos americanos se assemelham àqueles da Índia (e alguns outros países).

A alta incidência de morte violenta na vida prévia encontrada nos casos da Índia (56 por cento) e nos Estados Unidos (80 por cento) também aconteceu nos casos de todas as outras culturas (oito) até agora analisadas (3, 8). Ela excede em muito a incidência de morte violenta nas populações gerais dos países onde estes casos foram investigados. Por exemplo, a incidência de morte violenta na população geral da Índia é 7.2 por cento (14, pág. 699)<sup>11</sup>, e é 8 por cento nos Estados Unidos (14, pág. 705). Algum excesso de mortes violentas no material dos casos pode derivar de que casos com morte violenta são mais bem informados que os de mortes naturais; isto podia levar a influências artificiais na amostra dos casos apresentados para mim na investigação. Porém, existem motivos para pensar que a alta incidência de morte violenta não seja somente um artefato do método casual pelo qual os casos são reportados à investigação. Um item de evidência que contraria isso vem de uma pesquisa de casos do tipo reencarnação em um distrito na Índia Setentrional; Entre os casos descobertos nessa pesquisa, morte violenta ocorreu em 37 por cento, uma incidência apreciavelmente abaixo (56 por cento) da série maior dos casos selecionados na Índia, mas ainda bem mais alta que aquela da população geral (1).

Eu considero em seguida as várias características em que casos americanos diferem dos indianos. As crianças americanas fazem tantas declarações sobre vidas passadas quanto as crianças indianas fizeram; mas suas declarações carecem especificamente de detalhes, especialmente de nomes próprios. Esta deficiência contribuiu muito para a falta de casos americanos resolvidos. Isto, por sua vez, provavelmente responde pela idade mais jovem em que crianças americanas param de falar sobre as vidas prévias quando comparadas com sujeitos indianos. Meus colegas e eu achamos que os sujeitos de casos resolvidos (de seis culturas diferentes examinadas) tendem a continuar a falar sobre as vidas que reivindicam lembrar, em média, por 20 meses a mais que fazem os sujeitos de casos não solucionados (2, 3). Sujeitos cujas declarações são verificadas provavelmente recebem mais atenção e mais encorajamento para falar sobre as vidas passadas que aqueles que dão pouco detalhe sobre alguém que não pode ser localizado; e quando os adultos perderem interesse no que a criança diz, ou não tenha nenhum interesse para iniciar, a criança por si mesma pode parar de conversar sobre as memórias e esquecê-las mais cedo que quando se recebesse mais atenção.

TABELA 1  
**Comparação das principais características dos casos americanos e indianos<sup>a</sup>**

Item	USA	Índia	<i>p</i>
1. Porcentagem de casos resolvidos entre todos os casos dos país	20%	77%	.001
2. Porcentagem de casos de "mesma família" entre casos resolvidos	94%	16%	— <sup>b</sup>
3. Idade (em meses) da primeira declaração do sujeito sobre a vida prévia (média)	37	38	NS <sup>c</sup>
4. Idade (em meses) em que o sujeito parou de falar sobre a vida prévia (média)	64	79	.05 <sup>c</sup>
5. O número de declarações diferentes feitas pelo sujeito			
Média	23.3	18.2	NS <sup>c</sup>
Mediana	14	14	NS <sup>d</sup>
6. O sujeito mencionou o nome da personalidade prévia	34%	15%	.001
7. O sujeito mencionou como ocorreu a morte da personalidade prévia	43%	78%	.001
8. Casos com morte violenta	80%	56%	.01
9. Fobias do sujeito quando a personalidade prévia morreu violentamente	48%	39%	NS
10. Fobias do sujeito quando a personalidade prévia morreu naturalmente	11%	3%	— <sup>b</sup>
11. Casos de "mudança de sexo".	15%	3%	.005

*a* A não ser que contrariamente declaradas, todas as análises estatísticas foram feitas com  $\chi^2$  testes de 1 *D*. Como explicado no texto e nota de rodapé 7, o número de casos para que informações estivessem disponíveis não foram os mesmos para todas as variáveis.

*b* Análise não feita devido a baixa frequência das células.

*c* média independente *t*-teste, bicaudal.

*d* Mann-Whitney *U*-teste.

A diferença entre a incidência da morte violenta em casos americanos (80 por cento) e aquela de casos indianos (56 por cento) provavelmente reflete a proporção muito mais alta de casos não solucionados entre os americanos comparados com os indianos. Nós descobrimos que os sujeitos de casos não solucionados se referem a um modo violento de morte mais freqüentemente que sujeitos de casos resolvidos (3). Análise de uma série pequena de casos resolvidos na Índia indicou que uma morte violenta é mais memorável que uma natural e que o modo da morte é mais memorável que nomes<sup>12</sup>. Então, alguns casos podem permanecer não solucionados porque o sujeito não declarou nomes próprios suficientes para permitir verificação das declarações, embora ele ou ela possa com precisão ter lembrado como morreu (normalmente de maneira violenta). Outros casos não solucionados podem conter memórias reais de uma vida prévia onde o sujeito prendeu-se a uma imaginária maneira de morrer (normalmente violenta); e ainda outras podem ser puras fantasias.

Os sujeitos americanos destes casos ou não lembram de quaisquer detalhes verificáveis ou lembram de detalhes sobre a vida de um membro ou amigo íntimo de sua própria família. No Primeiro tipo de casos, as declarações sobre a vida prévia podem derivar de fantasias. No segundo tipo, é difícil excluir a possibilidade que a criança aprendeu normalmente sobre a pessoa falecida relacionada e então usou aquelas informações na elaboração de uma fantasia sobre uma vida prévia.

Porém, outra explicação possível também deveria ser considerada. Em alguns casos indianos a criança fez declarações verificadas sobre uma vida prévia em uma família distante geograficamente da sua. Embora a maior parte destes casos não tenha sido investigado até depois que as famílias relacionadas encontraram-se, muitos foram estudados dentro de algumas semanas ou meses de seu encontro, e, em um número pequeno, um registro escrito do que a criança disse sobre a vida prévia tinha sido feito antes de suas declarações serem verificadas (6, 7, 13). Em muitos desses casos a transmissão normal de informações foi excluída, ou parece inverossímil, e então é possível que estas crianças indianas tivessem memórias genuínas de uma vida anterior. Devido à semelhança dos casos americanos com indianos em várias de suas principais características, também parece discutível que alguns sujeitos americanos tenha tido memórias de vidas prévias, mas nestes casos, em geral, são menos abundantes e menos precisas que aquelas que acontecem entre muitas crianças indianas.

Também é possível que apenas alguns dos casos americanos derivem de memórias reais de vidas prévias enquanto que outros sejam fantasias. Muitos deles foram expressos contra os desejos dos pais da criança e freqüentemente envolveram a criança em conflito com seus pais. Também não é fácil discernir a motivação por satisfação de um desejo nos detalhes particulares da maior parte das vidas passadas alegadas por estas crianças. Como mencionado acima, estas vidas são normalmente comuns, às vezes vividas em circunstâncias menos confortáveis que aquelas da família da criança.

Estes casos convidam comparações com o bem conhecido *amigo imaginário*. Em seu conteúdo principal, porém, eles diferem notadamente de casos de amigo imaginário. Uma criança com um amigo imaginário considera o amigo como vivendo contemporaneamente com ela e como sendo uma pessoa diferente. Em contraste, crianças que reivindicam lembrar de vidas prévias acreditam que elas eram outra pessoa — uma falecida, não alguém vivo — em outra vida. Elas se identificam com aquela pessoa falecida e, até certo ponto, acreditam ser aquela mesma pessoa, embora num corpo físico novo. Estas observações não são planejadas para excluir comparações adicionais entre crianças que têm amigos imaginários e crianças que reivindicam lembrar de vidas passadas; mas no estado presente do conhecimento nós certamente não podemos subsumir o último tipo de caso sob a forma do outro.

As conclusões mais definidas sobre casos americanos sugestivos de reencarnação devem aguardar pesquisa adicional. O número de casos americanos disponíveis para estudo é pequeno se comparado com as amostras da Índia e várias outras culturas. A pequenez da amostra americana é esperada, pelo menos em parte, acredito eu, por poucos relatórios de casos nos Estados Unidos, e eu apresentei evidência sustentando esta conclusão. Um motivo para apresentar este artigo é puxar a atenção para este tipo de caso e encorajar o relatório de novos casos. Estes aumentarão a amostra que pode ser analisada e, em última instância, permitirá uma conclusão mais firme ou diferente sobre estes casos.

## Referências

1. Barker, D. R., and Pasricha, S. K. Reincarnation cases in Fatehabad: A systematic survey in North India. *J. Asian African Stud.*, 14: 231-240, 1979.
2. Cook, E. W., Pasricha, S., Samararatne, G., et al. A review and analysis of unsolved cases of the reincarnation type. Part I. Introduction and illustrative case reports. *J. Am. Soc. Psychical Res.*, 77: 45-62, 1983.
3. Cook, E. W., Pasricha, S.T Samararatne, G., et al. A review and analysis of unsolved cases of the reincarnation type. Part II. Comparison of feature of solved and unsolved cases. *J. Am. Soc. Psychical Res.* In press.
4. Gallup, G., Jr., with Proctor, W. *Adventures in Immortality*. McGraw-Hill, New York, 1982.
5. Stevenson, I. The belief and cases related to reincarnation among the Haida. *J. Anthropol. Res.*, 31: 364-375, 1975. (Also published, slightly revised, in *J. Am. Soc. Psychical Res.*, 71: 177-189, 1977.)
6. Stevenson, I. *Cases of the Reincarnation Type, Vol. I, Ten Cases in India*, University Press of Virginia, Charlottesville, 1975.
7. Stevenson, I. *Cases of the Reincarnation Type, Vol. II, Ten Cases in Sri Lanka*. University Press of Virginia, Charlottesville, 1977.
8. Stevenson, I. *Cases of the Reincarnation Type, Vol. III, Twelve Cases in Lebanon and Turkey*, University Press of Virginia, Charlottesville, 1980.
9. Stevenson, I. *Cases of the Reincarnation Type, Vol. IV, Twelve Cases in Thailand and Burma*. University Press of Virginia, Charlottesville, 1983.
10. Stevenson, I. Cultural patterns in cases suggestive of reincarnation among the Tlingit Indians of southeastern Alaska. *J. Am. Soc. Psychical Res.*, 60: 229-243, 1966.
11. Stevenson, I. The explanatory value of the idea of reincarnation. *J. Nerv. Ment. Dis.*, 164: 305-326, 1977.
12. Stevenson, I. The Southeast Asian interpretation of gender dysphoria: Na illustrative case report. *J. Nerv. Ment. Dis.* 165: 201-308, 1977.
13. Stevenson, I. *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation, 2nd Ed. Rev. And Enlarged*. University Press of Virginia, Charlottesville, 1974. (First published in *Proc. Am. Soc. Psychical Res.*, 26: 1-362, 1966.)
14. United Nations. *Demographic Yearbook 1970*. 22nd Issue, pp. (699, 705. United Nations, New York, 1971).

## Notas

[1](#) Professor de Carlson de Psiquiatria, Department of Behavioral Medicine and Psychiatry, box 152, Centro Médico, Universidade da Virgínia, Charlottesville, Virgínia 22908.

Agradecimentos são devidos McDonnell Foundation, Inc., e a Bernstein Brothers Parapsychology e a Health Foundation pelo suporte desta pesquisa. Emily Williams Cook e Carlos S. Alvarado deram sugestões úteis para a melhora deste artigo. Linda Stanhope e Carlos S. Alvarado apresentaram análises estatísticas.

[2](#) Estes casos são variavelmente chamados de “casos sugestivos de reencarnação” ou “casos do tipo reencarnação”; essas frases descrevem que os casos parecem estar sem compromisso com qualquer interpretação feita deles.

[3](#) Para leitura mais fácil, descrevi como sendo criança masculina, mas devia ser entendido que quase tantas mulheres como homens são os sujeitos destes casos. As razões para a preponderância da disposição de sujeitos está fora do âmbito do presente artigo.

[4](#) Por conveniência eu freqüentemente me refiro a pessoa falecida da qual a criança fala pela frase “personalidade prévia”. Uso esta designação quando ambas as declarações da criança foram comprovadas e consideradas corretas com respeito a uma pessoa particular e quando não foram. Eu chamo o primeiro tipo de caso “solucionado” e o segundo “não solucionado.”

[5](#) Para outros exemplos de comportamento incomum relacionados a memórias aparentes de vidas passadas, veja Stevenson (11).

[6](#) Eu publiquei considerações das variações mais importantes das crenças em reencarnação em capítulos introdutórios para meus volumes de relatórios de caso (6-9, 13) e em dois artigos separados (5, 10). E ainda preparei-me para publicação em um jornal relatando a crença na reencarnação entre os Igbo da Nigéria.

[7](#) Minhas investigações destes casos começaram mais cedo na Índia que nos Estados Unidos (com algumas exceções). Nas fases iniciais do estudos de casos indianos, investigações sobre certas variáveis eram sistematicamente menores que as subseqüentes. Os dados então desapareceram para algumas variáveis de alguns casos indianos.

[8](#) O modo de morrer não pôde ser verificado naqueles casos onde a pessoa falecida correspondente às declarações da criança não foi localizada (casos não solucionados). Para tais casos, a declaração da criança sobre o tipo de morte, se ela fez um, foi usado nesta análise.

[9](#) No Sri Lanka, Birmânia e na Tailândia (como também na Índia e nos Estados Unidos) apreciavelmente mais casos do tipo "mudança de sexo" homens-para-mulher do que mulheres-para-homens aconteceram. Esta relação desequilibrada não foi achada em uma série recentemente analisada em casos de Igbo (Nigéria).

[10](#) O número de casos de "mudança de sexo" na Birmânia é suficientemente grande que tem sido possível analisar os casos daquele país no que se relaciona à incidência mais alta de morte violenta entre homens como um fator a produzir uma proporção desequilibrada de sujeitos mulheres para homens em casos deste tipo (9).

[11](#) Em uma publicação antiga (8) eu incorretamente dei a incidência da morte violenta na Índia como 6.7 por cento. Isso foi resultado de um deslize de cálculo; a figura correta para o período considerado é 7.2 por cento.

[12](#) Estes dados estão em uma tese inédita do Dr. Satwant K. Pasricha, Department of Clinical Psychology, National Institute of Mental Health and Neuroscience, Bangalore, India.